
A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES OBJETAIS NA CONSTRUÇÃO DA
SUBJETIVIDADE

THE IMPORTANCE OF OBJECT RELATIONS IN THE CONSTRUCTION OF
SUBJECTIVITY

Emilly Fernanda Berbel

Graduada em Psicologia

Centro Universitário Einstein de Limeira- UniEinstein

emillyferberbel@gmail.com

Márcia Cristina Baldini

Mestra em Psicologia

Centro Universitário Einstein de Limeira-- UniEinstein

marcia_baldini@hotmail.com

RESUMO

Os aspectos da relação entre mãe e bebê são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, assim a criança precisa de um vínculo seguro e de um ambiente que ofereça condições adequadas. Este estudo tem como objetivo compreender os processos que podem adoecer a criança devido às defasagens nas relações objetais, abordando o vínculo entre mãe e filha e a transgeracionalidade. Foi desenvolvido em forma de pesquisa qualitativa, a partir de um estudo de caso de uma paciente. Os relatórios foram analisados com base nas contribuições teóricas de Melanie Klein, a fim de fornecer orientações para psicólogos e estudantes. Os resultados mostraram que o restabelecimento do vínculo entre mãe e filha, aliado à oferta de um ambiente emocionalmente disponível e previsível, possibilitou a reparação de falhas precoces e promoveu um desenvolvimento emocional saudável, ressaltando a importância das relações objetais para a vida psíquica.

Palavras-chave: Transgeracionalidade. Vínculo entre mãe e filha. Subjetividade. Desenvolvimento.

ABSTRACT

The aspects of the mother-baby relationship are fundamental for cognitive, social, and affective development, therefore, the child needs a secure attachment and an environment that offers adequate conditions. This study aims to understand the processes that can cause illness in children due to deficiencies in object relations, addressing the bond between mother and daughter and transgenerationality. It was developed as qualitative research, based on a case study of a patient. The reports were analyzed based on the theoretical contributions of Melanie

Klein, in order to provide guidance for psychologists and students. The results showed that the re-establishment of the bond between mother and daughter, combined with the provision of an emotionally available and predictable environment, enabled the repair of early failures and promoted healthy emotional development, highlighting the importance of object relations for psychic life.

Keywords: Transgenerationality. Mother-daughter bond. Subjectivity. Development .

INTRODUÇÃO

Os seres humanos vêm ao mundo carregando as expectativas, desejos e anseios de seus pais, mas ainda não dispõem de uma estruturação psíquica, se relacionando com o mundo em grande parte com sua mãe ou cuidador, que através de seus sentidos formam uma relação extremamente necessária para sua sobrevivência psíquica. A importância do estabelecimento dessa relação se faz na construção da subjetividade, como ser validado, aceito e único. Tal defasagem nas relações objetais com o mundo, acarreta em sua não constituição da base psíquica e afetiva, apresentando na vida adulta dificuldades em estabelecimento de vínculo, de simbolização e de mecanismos saudáveis para o desenvolvimento de sua vida psíquica. Existe, portanto, a necessidade de compreensão da mãe/cuidador para metabolizar seus conteúdos, uma vez que as vivências entre mãe e bebê são cruciais para o desenvolvimento da criança e do estabelecimento de suas futuras relações de objeto e assim aprender a se diferenciar da mãe/cuidador e ter noção do seu próprio self (Castro; Levandowski, 2009).

“Quanto às capacidades de amar e de estabelecer relações de objeto, pode-se facilmente perceber que elas só se desenvolvem livremente se a ansiedade persecutória e a ansiedade depressiva não forem excessivas” (Klein, 1963, p. 67). Portanto, as experiências gratificadoras como o cuidado e carinho da mãe reforçam a pulsão de vida, já as experiências frustradas, como a ausência subjetiva da mãe, intensificam a pulsão de morte, marcando as vivências entre mãe e bebê pela modificação das relações de objeto (Couto, 2017).

A situação-problema está situada na mãe ou cuidador que não entrega amor por incapacidade de expressá-lo ou senti-lo, não entendendo e não se comunicando com o bebê, criando um entrave para o estabelecimento do ego da criança. Diante dessa situação-problema, por meio do método de pesquisa qualitativa, foi realizado um estudo de caso clínico referente a um atendimento conduzido pela pesquisadora na Clínica-Escola de Psicologia, no ano de 2024, durante sua graduação em Psicologia.

Nesse contexto, analisou-se o caso de uma pré-adolescente de 11 anos, estudante do 5º ano do Ensino Fundamental, cuja mãe foi orientada pela escola a buscar atendimento psicológico devido às dificuldades na leitura e na escrita, comportamentos agressivos e diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A partir desse caso, foram analisadas as relações objetais que se mostram sem afeto emocional entre o sujeito e seu objeto amado, manifestando-se em seus conflitos internos, ansiedades e angústias.

Com a escassez de publicações sobre o tema, devido à complexidade conceitual envolvida, já que aspectos emocionais e psíquicos são mais difíceis de mensurar do que o desenvolvimento cognitivo ou físico e diante da importância do desenvolvimento da subjetividade, esta pesquisa buscou fornecer orientações e informações que possam contribuir para o aprofundamento do tema. Assim, este artigo busca trazer mais conteúdos sobre a subjetividade e as relações objetais para referenciar psicólogos e estudantes de psicologia acerca da problemática dos cuidados necessários para a vida psíquica e em como influenciam na vida futura.

Este artigo se propôs a compreender tais processos que podem adoecer a criança devido às defasagens nas relações objetais fundamentais para a construção de percepção do eu e da realidade. Pretendeu-se, por meio de um estudo de caso, analisar sob a perspectiva psicanalítica acerca do entendimento do psiquismo infantil e abordar os cuidados necessários para a vida psíquica. O que se pode questionar é por que tais relações no início da vida podem causar das mais variadas marcas psicológicas que se mostram como barreiras que fragmentam a subjetividade, não se estabelecendo e influenciando na vida adulta.

As Relações Objetais e a Estruturação Psíquica

A forma das relações de objeto, os mecanismos e as ansiedades que se estabelecem nos primeiros anos de vida têm influência sobre todos os aspectos de desenvolvimento, sendo o primeiro objeto o seio da mãe, que é cindido em seio gratificador e seio frustrador. Essa relação com o objeto implica na introjeção e na projeção, e sua interação molda a realidade interna e externa do bebê. Como expresso por Klein (1963, p. 29): “pode-se dizer que o curso do desenvolvimento do ego e das relações de objeto depende da medida em que pode ser alcançado um equilíbrio ótimo entre introjeção e projeção”, ou seja, na projeção de um mundo interno predominantemente hostil, isso pode ocasionar a internalização de um mundo externo hostil, e

vice-versa. Tais processos fazem parte da construção do ego e preparam o terreno para o aparecimento do complexo de Édipo. A síntese entre os aspectos odiados e amados do objeto completo dá origem a sentimentos de luto e culpa que implicam progressos vitais na vida emocional e intelectual do bebê (Klein, 1963).

As vivências entre mãe e filha são estruturantes e são cruciais para o desenvolvimento intrapsíquico da criança e em como ela se relaciona no mundo externo. A mãe que atende as necessidades de vínculo e auxilia a lidar com as dificuldades do dia a dia permite o desenvolvimento da comunicação e interação da criança (Castro; Levandowski, 2009).

A busca do amor de seu objeto amado para validação de si em um ambiente dificultoso impulsiona o desamparo, angústia e a cisão do objeto. “Uma maior integração faz supor que o ódio, em alguma medida, fica mitigado pelo amor, que a capacidade de amar ganha força, e que diminui a cisão entre os objetos odiados e, por isso, aterrorizantes e os objetos amados” (Klein, 1963, p. 117).

A noção de objetos internos, postulado por Melanie Klein, que no segundo quarto do primeiro ano de vida, o bebê tem a capacidade de internalizar objetos (percebe que há uma só mãe, com aspectos bons e maus). Assim, nas fantasias inconscientes da criança, imagina que existe um interior a imagem de seu próprio corpo, objetos e substâncias boas e más residem. Dessa forma, está preocupada em conseguir tentativas de objetos e substâncias boas (bom leite, boas fezes, boas crianças...) e com isso paralisar os objetos maus dentro de seu corpo e juntar reservas suficientes dentro de si para ser capaz de resistir aos ataques dos objetos maus e assim, se estabelece um completo mundo objetal interno e relações objetais internalizadas e suas fantasias e ansiedades derivadas (Greenberg; Mitchell, 1994).

Essa mãe como figura externa e como objeto internalizado, em período de grandes frustrações e ansiedades como o desmame, o bebê em suas fantasias com o impulso destrutivo volta-se contra o objeto, ocorrendo ataques sádicos-orais ao seio materno, gerando para Klein os medos persecutórios. A ansiedade pode ser depressiva, quando há o pavor ao destino do objeto interno que teme por ter destruído, ou ansiedade paranoide quando há medo de destruição ao self vinda de fora. Diante deste conflito interno e da culpa, junto com a bondade da mãe, a criança busca por meio da reparação, empregando sua onipotência fantasiada a serviço do amor ao objeto externo (Greenberg; Mitchell, 1994).

Contudo, o bebê sente-se como fragmentado e o seio bom introjetado, é uma parte extremamente importante para o desenvolvimento saudável do ego, sendo sua influência

marcada pela estrutura de ego e nas relações com o objeto, em que o seio gratificador, tomado para dentro trabalha a integração aos poucos para a construção do ego. Porém, tal cisão do mundo externo e interno, não ocorre sem uma cisão similar dentro dele (Klein, 1963).

Quando muito ódio é projetado para fora, pode-se levar a uma identificação com o que foi projetado, devido a se tornar perigoso demais, estabelecendo uma relação agressiva com o objeto para proteger o ego do seio persecutório. Na identificação projetiva, o lactente identifica-se com o que foi projetado, e em fantasia pode controlá-lo, pois o objeto mau se torna algo conhecido. No entanto, não só partes más podem ser projetadas, mas também as partes boas do self, sendo a projeção de partes boas para dentro da mãe vital para o bebê desenvolver boas formas de relações de estrutura psíquica (Klein, 1963).

O enfraquecimento do ego pela cisão e identificações projetivas demasiadas faz com que o ego se torne incapaz de assimilar seus próprios objetos internos, correspondendo a uma desintegração. No desenvolvimento normal, a desintegração é um estado transitório, as gratificações do seio bom externo, auxilia na reintegração (Klein, 1963). Portanto, os medos persecutórios intensos e o uso excessivo de mecanismos esquizoides prejudicam o desenvolvimento intelectual nos primeiros anos de vida.

Já o processo de introjeção sobre as relações de objeto é de forma igual importante para a construção do ego. Diante de frustrações, o bebê pode utilizar como refúgio o seio bom idealizado como uma forma de fugir dos perseguidores. Todavia, a fuga demasiada para o seio idealizado, diante do medo persecutório excessivo, o ego pode se sentir como inteiramente dependente do objeto interno e com essa não assimilação vem o sentimento de que o ego não tem valor próprio (Klein, 1963).

Importante ressaltar que a cisão é um mecanismo de defesa do ego contra a ansiedade. Os processos de projeções de partes do self para dentro dos objetos e de introjeção dos objetos para si também são importantes para o desenvolvimento saudável (Klein, 1963).

A criança saudável é aquela que se encontra integrada, vivendo no interior da psique, habitando o próprio corpo e sentindo que o mundo é real. Corrobora a autora que “movimentos e jogos com brinquedos utilizados na aprendizagem da realidade e das funções corporais tornam-se indispensáveis para impedir o acúmulo de fantasias destrutivas que podem dirigir-se sobre a figura da mãe” (Aberastury, 1979, p. 276). Portanto, se faz de extrema importância para o processo terapêutico abrir o espaço para a criança expressar suas fantasias de angústias e ansiedades para a constituição subjetiva ir se estabelecendo de sua maneira e a seu modo.

Transgeracionalidade

Na função materna, no qual mães e bebês podem conhecer e construir uma relação saudável, existem determinantes para a construção dessa relação, sendo as características psicológicas da mãe e da criança, suas relações amorosas com seus familiares, o histórico como mulher, filha, cuidado, a cultura em que está inserida, entre outros (Iungano; Tosta, 2009). Assim, dentre as funções da mãe está oferecer ao bebê um ambiente seguro para se organizar e desenvolver seus processos psíquicos, em um ambiente afetivo e com investimento amoroso.

Conforme Rehbein e Chatelard (2013, p. 565): “A transmissão psíquica geracional ocorre por processos psíquicos inconscientes constituintes de subjetividades via linguagem, simbólicos, e também nas dimensões do imaginário e do real e nos vínculos geracionais familiares”. Essa transmissão geracional tem duas modalidades, a intergeracional, que é transmitida pela geração mais próxima, como exemplo os pais, no qual o material pode ser transformado e metabolizado, ou pode ser comprometido e transmitido a próxima geração, e a transgeracional, sendo o material psíquico de herança genealógica, de caráter inconsciente e não simbolizado, não é integrado no psiquismo, apresentando lacunas, podendo ser transmitidos por várias gerações, tornando-se uma transmissão defeituosa, em que as histórias dos personagens estão colapsadas, inerentes uma à outra, sob domínio da repetição e do narcisismo.

A nova geração herdeira compulsória receptora de uma transmissão defeituosa, que está dominada por dependência e com a necessidade de ocupar o lugar que lhe é determinado, tentará, por vários meios, libertar-se desse fardo, quando há predomínio da pulsão de vida (Trachtenberg, 2007).

Na clínica psicanalítica, a transmissão está ligada a transferência e a repetição. Entretanto, o não dito, o não simbolizado, que também se constitui em um lugar comum da transmissão geracional nas relações, o sujeito pode transmitir conteúdos de seus antepassados, mas pode fazer a diferença na transmissão, ao delegar uma nova posição discursiva (Rehbein; Chatelard, 2013).

Dessa maneira, compreender os processos de transmissão psíquica torna-se essencial para pensar como conteúdos inconscientes atravessam gerações e reaparecem na clínica. Essa dinâmica também se expressa nas manifestações simbólicas da criança, que encontra diferentes modos de representar aquilo que ainda não pôde ser dito.

O Jogo e o Brincar

O brincar constitui-se como uma ferramenta valiosa, sendo que através da observação das brincadeiras infantis é possível obter uma visão geral da vivência da criança, externalizando seus conflitos internos e externos, oferecendo à criança a possibilidade de expressar-se brincando. Assim, abre espaço para a expressão de fantasias e desejos de forma simbólica.

O jogo, como os sonhos, são atividades dotadas de sentido. “A função do jogo é a de elaborar as situações excessivas para o ego - traumáticas -, cumprindo uma função catártica e de assimilação por meio da repetição dos fatos cotidianos e das trocas de papéis, por exemplo, fazendo ativo o que foi sofrido passivamente” (Aberastury, 1979, p. 49).

A psicoterapia infantil se estabelece como uma intervenção em busca de atender a diversos problemas que interferem na vida das crianças, os quais interferem em suas rotinas e causam estresse emocional, podendo dificultar e ameaçar o aumento de habilidades adaptativas e o bem-estar. Assim, o aspecto fundamental na psicoterapia infantil é a interpretação, a verbalização, e o esclarecimento das pulsões e das defesas conflitantes do paciente (Sours, 1996 *apud* Freitas, 2016).

Para Klein (1926 *apud* Freitas, 2016), a brincadeira é a forma de acesso ao inconsciente. A autora acreditava que a ansiedade impedia que as associações verbais ocorressem e a representação por meio do brinquedo era menos investida por essa ansiedade, assim a interpretação do brincar está moldado ao psíquico da criança a qual se comunica por esta via. Por meio da técnica do brincar, é permitido à criança sentir, viver e reviver experiências relacionais com o mundo exterior e com ela mesma, onde a criança traz fatos de sua realidade de modo que o brincar a auxilia na sua constituição (Freitas, 2016).

Para Aberastury (1979), ao interpretar um jogo, deve-se considerar sua representação no espaço, a situação traumática que envolve e o porquê aparece aqui, agora e comigo, onde, como o sonho, é uma manifestação plena de sentido e está na base de toda aprendizagem ou sublimação posterior. Ainda para Aberastury (1979, p. 112) já nas primeiras sessões aparecia a fantasia inconsciente de enfermidade ou cura, e na fantasia de cura “expressa o desejo de modificação do mundo exterior real e seu desejo de curar sua compulsão a repetir tais experiências”.

Portanto, a observação de todas as formas de comunicação que vão surgindo nas sessões, sendo de forma verbal ou através de jogos, desenhos e gestos, as crianças expressam

seus sentimentos e fantasias. Assim, constitui-se como uma ferramenta imprescindível para a psicoterapia infantil, sendo fundamental para a saúde emocional e saúde mental, permitindo a expressão da criatividade e de exploração da realidade.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir do estudo de caso clínico de uma criança que esteve em atendimento pela pesquisadora durante o seu Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica. Diante do raciocínio técnico-científico, foram feitas observações, interpretações e análises das sessões através da associação livre de forma lúdica, com brinquedos, jogos e desenhos. Com os recursos técnico-científicos, de acordo com o conjunto de informações trazidas pela paciente foram feitas intervenções para integração das relações objetais, desenvolvimento e organização psíquica, visando facilitar o amadurecimento e a independência de modo acolhedor e empático.

Participantes

O presente estudo de caso refere-se ao processo psicoterapêutico de uma paciente do sexo feminino, com 11 anos, estudante do Ensino Fundamental II. Para preservar o anonimato da paciente participante, será usado o nome fictício Nina.

Os critérios de inclusão da participante foram: (1) ser do sexo feminino; (2) ter sido atendido na Clínica-Escola; (3) ter sido atendido sob a perspectiva da psicanálise e (4) ter sido autorizado pelo responsável legal a ser atendido a partir do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).¹

Instrumentos

Foram realizadas as seguintes etapas: (a) fase exploratória, em que a pesquisadora delimitou os pontos que foram analisados; (b) coleta de dados relevantes, sendo feito um recorte

¹ Esse documento é apresentado e assinado pelo cliente ou responsável legal, no início do processo no qual consta autorização de uso dos dados para estudo acadêmico, pesquisas científicas, condições e regras da clínica relativas ao atendimento psicológico como duração, sigilo etc.

dos aspectos principais para fazer uma análise e compreensão do caso; (c) análise complexa e sistemática do processo total (Ludke; André, 1999).

Foram utilizados os documentos existentes no prontuário da paciente. O prontuário é composto pelos seguintes documentos: (1) ficha de identificação; (2) ficha de controle dos atendimentos; (3) termo de consentimento livre e esclarecido assinado; (4) síntese de processos/encaminhamentos; (5) histórico psicológico; (6) relatório parcial do caso; (7) relatórios semanais e relatório psicológico do caso e (8) produções gráficas/lúdicas/atividades dos pacientes.

Procedimentos

A responsável pela paciente assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual encontra-se na Clínica-Escola de Psicologia, no prontuário da paciente. Por meio do TCLE foi esclarecido quanto ao sigilo das informações e da conduta ética que norteia o trabalho e que garante a preservação do anonimato na divulgação do trabalho. Para que fosse possível ter acesso e coletar os dados do prontuário da paciente, a pesquisadora entrou em contato com a coordenadora da Clínica-Escola que autorizou o acesso ao prontuário. Após a aprovação do CEP sob o parecer de no. 7.604.950 e CAAE no. 88333225.0.0000.5424, foram coletadas as informações contidas nos registros do prontuário da paciente participante, como relatórios, desenhos e os registros das sessões anteriormente realizadas, além dos dados coletados durante os atendimentos feitos pela pesquisadora.

O processo terapêutico com a paciente ocorreu durante 32 sessões com 4 faltas, no período do dia 5 de março de 2024 a 26 de novembro de 2024. A paciente foi encaminhada para o processo de psicoterapia sob enfoque da psicanálise, após ter passado pelo processo de triagem na Clínica-Escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os dados coletados por meio dos relatórios semanais de atendimento psicológico e os documentos pertencentes ao prontuário da paciente, foram analisados de forma qualitativa com base nas teorias psicanalíticas sobre a construção da subjetividade, vinculação entre mãe-

bebê e as condições necessárias para o desenvolvimento psíquico e emocional, reconhecendo a importância das primeiras experiências para a formação do mundo emocional adulto.

A paciente, uma pré-adolescente que iniciou os atendimentos com 11 anos, cursava o Ensino Fundamental II e morava com os avós maternos, a mãe e a irmã mais nova. A partir dos dados coletados na anamnese infantil, realizada com a mãe, a participante foi encaminhada pela escola devido a um quadro de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), associado a dificuldades de aprendizagem e comportamentais. Nesse contexto, a mãe buscou a psicoterapia com o objetivo de auxiliar na adaptação escolar e fortalecer o vínculo entre ambas.

A narrativa trazida pela responsável corrobora para a suposição de um ambiente familiar imprevisível, não oferecendo condições necessárias ao desenvolvimento saudável da criança, sendo os comportamentos impulsivos da paciente uma forma de reagir ao meio, de mostrar em um sintoma a ausência de algo.

Com a coleta de informações, pode-se observar alguns pontos principais que após as sessões com a paciente se mostraram em forma de sintomas, como: a paciente não ter sido planejada; a mãe não ter tempo de estar com a filha; a paciente ter ciúmes de sua irmã mais nova; os comportamentos impulsivos da filha relatados pela mãe como frequentes e a dinâmica familiar conflituosa trazida.

Análise do Caso

A análise do caso se seguiu com o olhar para a criança de forma autônoma e responsável, orientando-se através da interrogação da face do desejo, as diferentes posições da criança e nos momentos conflitantes em que se permeia.

No primeiro contato com Nina, ela se apresentou calma, quieta e cordial, demonstrando estar disposta ao processo psicoterapêutico, onde já nas primeiras sessões manifestou sua busca por um continente adequado, expressando suas dúvidas, fantasias e angústias e o desejo de conseguir organizar suas “coisas”, sem que alguém o destrua, trazendo sua fantasia de enfermidade e cura (Aberastury, 1979). Com seus familiares, como a avó, a irmã e a mãe mantêm uma relação conturbada e prejudicial para seu desenvolvimento psíquico, se propagando para a escola, gerando dificuldades e conflitos.

Nina nas primeiras sessões, vê a massinha de modelar e comenta: “Agora vou fazer eu”. Durante toda a tentativa de representar-se, demonstrou muita dificuldade e desatenção. Parava,

olhava para a estagiária, voltava a modelar e parava novamente. Tal dificuldade pode-se dizer que ainda precisa organizar-se psiquicamente, não conseguindo no momento representar a desordem sentida (Aberastury, 1979).

O contexto familiar trazido em geral, traz a suposição de vivências ansiogênicas sentidas por Nina, no medo da perda de seu objeto de amor, e a disputa com a irmã para obter reconhecimento da mãe. A partir da direção de atenção ao mundo externo, busca encontrar a validação da mãe para satisfazer sua carência de contenção e de experiências de amor para seu desenvolvimento psíquico (Klein, 1963).

Muitas das falas durante as sessões corroboravam com as falas trazidas pela mãe, supondo-se que a paciente introjeta em si tais apontamentos da mãe. A fala: “Minha mãe sempre diz que tenho mente de criança” e o questionamento: “Acho que minha mãe gosta mais da minha irmã”, demonstram as fantasias que ela tem em relação a sua mãe, se sentindo não desejada e não compreendida, constantemente briga com a irmã mais nova, lutando inconscientemente pelo amor da mãe.

Uma das falas da paciente que se mostrou dotada de sentido foi: “Por que a mãe da gente arruma nosso guarda-roupa? Eu não sei arrumar”. Pode-se supor que o guarda-roupa simboliza a mente psíquica da Nina, e o questionamento do porquê a mãe arruma o guarda-roupa, traz que a mãe deposita na filha seus conflitos não metabolizados do passado e a filha por “Não sei arrumar meu guarda-roupa” acaba por introjetar tais conteúdos da mãe. Nessa fala, pode-se dizer que ela deseja arrumar seu guarda-roupa sozinha, ansiando sua liberdade e o desenvolvimento do seu psiquismo. Pela falta de um ambiente facilitador, a independência que deseja é impedida.

Durante o processo, Nina muitas das vezes escolhia pintar um desenho, e durante o desenho era solicitado para ela contar uma história sobre o que lhe vier à mente, uma das histórias lúdicas, foi sobre uma professora, que a culpa por algo que não fez, não dando ouvidos a ela, e um diretor que descobre que é pai da professora e só dá ouvidos para ela, pois como relatado pela paciente: “Só escuta ela porque ela é filha”. Pode-se supor, que a pré-adolescente traz um conflito interior, em não ser ouvida e compreendida em seu ambiente, com a angústia em não validarem seu eu (Greenberg; Mitchell, 1994). A professora tinha o mesmo nome de sua irmã, sendo o diretor projetivamente sua mãe, não sabia que tinha uma filha, mas quando soube ficou feliz com a notícia, dando todo o amor para a professora. Diante de sua história de vida, Nina não foi uma criança desejada, já sua irmã ao ser descoberta a gravidez pela sua mãe

houve uma reação inversa à dela. Essa situação é sentida por ela, em ter perdido o objeto de amor que agora é compartilhado entre ela e sua irmã, onde expressa o ciúmes e o medo de ser abandonada pela mãe. Nesta mesma sessão fez um desenho, representado pela paciente como amor de mãe e filha, mostra que esse é seu desejo inconsciente, de se sentir amada, aceita e ouvida pela mãe. A busca do amor de seu objeto amado para validação de si em um ambiente dificultoso, impulsiona o desamparo, angústia e a cisão do objeto (Klein, 1963).

Todos os aspectos corroboram para uma visão de mundo objetal parcial, no qual vivencia e percebe o mundo como partes separadas, e não como um todo integrado, onde as tendências agressivas e persecutórias foram prevalentes em sua primeira relação com o mundo estabelecido com a mãe, sendo a projeção de um mundo interno predominantemente hostil, isso pode ocasionar a internalização de um mundo externo hostil. Ao separar o bom do mau, se protege as partes boas de serem destruídas pelos impulsos agressivos e ansiedades persecutórias, estabelecendo um mundo fragmentado para lidar com a ansiedade, assim “o ego é incapaz de cindir o objeto, interno e externo, sem que ocorra uma cisão correspondente dentro dele” (Klein, 1963, p. 25). Porém existe desde o início da vida uma tendência à integração, que aumenta com o crescimento do ego. Esse processo de integração baseia-se na introjeção do objeto bom primordialmente.

Sua relação com a irmã mais nova era marcada por conflitos e dificuldade de dividir a mãe com outra pessoa, com seu ego desorganizado e fragmentado, em um ambiente por identificação projetiva, sempre atacava a irmã e a culpava pelos atos que fazia, assim como sentia medo de o objeto a atacar, dizendo: “Minha irmã também me culpa por tudo”, vivendo pela angústia persecutória de ter atacado o objeto mau (Klein, 1963).

Em um dos conflitos com a irmã a paciente comentou que estava se sentindo fora de si, como se não reconhecesse a pessoa que projetou a raiva e ódio para fora, onde ao mesmo tempo que rompe sua realidade distorcendo o objeto mau, acaba por também quebrar-se a si mesma, em partes que separadas não são reconhecidas como o eu, neste caso Nina fez uma brincadeira, onde colocou as mãos no nariz da irmã para tirar a respiração, e quando a mãe presenciou a brincadeira, questionou Nina do porquê, onde comentou a frase: "Você gosta mais da minha irmã do que de mim", trazendo à tona conteúdos do inconsciente em seu mundo de relações objetais parciais e o desejo de remover o objeto mau para ter seu objeto amado somente para si. Sua ansiedade paranoide, onde acredita que a irmã a persegue e sempre delata seus atos para a mãe, alegando que a irmã sempre quer a prejudicar. Em vez da diminuição da divisão dos

objetos persecutórios e idealizados, sendo o ódio mitigado pelo amor, ocorre o aumento das ansiedades, pois a cada vez que ataca o objeto mau, teme a retaliação do mesmo (Klein, 1963).

Em uma das sessões, desenhou um apartamento com dois andares, pintado de preto, aparentando ser um lugar desagradável de se viver. Fora do apartamento desenhou duas árvores e uma rede, bem coloridos, podendo supor que ali representa um lugar de paz e conforto. Sua história, cheia de traços de dramatização e deslocamento, trouxe seu conflito com a irmã e a mãe. A tríade entre as três se mostra como causa do sofrimento e angústia psíquica da paciente, onde comenta em sua história que os vizinhos são muitos barulhentos, tendo uma caixa de som que faz muito barulho, trazendo a luz aos conflitos e desavenças de seu ambiente familiar conflituoso.

Durante todo o processo, foi necessário realizar orientações e devolutivas a mãe da paciente, onde em uma dessas orientações a mãe se demonstrou aberta e disposta a auxiliar a filha rumo à independência, ela trouxe primeiramente a dificuldade em lidar com os comportamentos agressivos e impulsivos da filha, a estagiária comentou com a mãe que Nina, devido seu diagnóstico, pode ter comportamentos impulsivos, tendo certos comportamentos para chamar a atenção da mãe, ela tenta da forma errada, mas porque não encontra outra forma para tal. A estagiária pediu à mãe que imaginasse sua filha ainda como um bebê, em que não possui consciência de suas necessidades, que está buscando no vínculo com a figura materna amor e contenção emocional, a fim de ressaltar a importância da mãe no processo de desenvolvimento infantil, no qual, muitas vezes, a criança é o sintoma da família e todo o conflito familiar é sentido por ela. A mãe relatou que compreende o cuidado a partir de ações concretas, como levar a filha ao médico, comprar suas coisas e suprir suas necessidades materiais, dizendo: "Como vou dar esse amor para minha filha se eu nunca tive? Minha mãe nunca me demonstrou nada". A estagiária reconheceu a dificuldade dessa experiência e enfatizou a importância do autocuidado e do fortalecimento emocional, sugerindo à mãe iniciar o processo psicoterapêutico como forma de favorecer uma relação mais saudável entre mãe e filha e acabar com esse ciclo que passou de geração a geração. A mãe demonstrou interesse em iniciar psicoterapia, relatando sobrecarga na rotina diária, dificuldades de tempo e sensação de exaustão emocional, descrevendo seu estado psíquico como "um furacão".

O aspecto que mais se destacou ao longo de todas as devolutivas realizadas com a mãe foi quando perguntado o que ela queria ter tido na infância, ela respondeu: "Queria ter tido mais carinho e amor da minha mãe", a estagiária comentou: "Você pode começar então a tentar pelo

o que você não teve, pois é exatamente o que você queria da sua mãe é o que a Nina quer de você”. A mãe trouxe alguns conflitos internos, uma sombra que está com ela desde sua infância, a falta de demonstração de amor, validação e aprovação da mãe. Pode-se ver a repetição do contexto familiar, onde desde criança a responsável relatou que não teve os cuidados de sua mãe e que marca até hoje seu psiquismo (Rehbein; Chatelard, 2013).

O que vai além do princípio de prazer, os comportamentos repetitivos que hoje se mostram em sua relação com sua filha, que busca a mesma coisa que ela, a aprovação e amor da mãe, porém apresenta comportamentos que a mãe desaprova, tentando chamar a atenção, tentando testar o ambiente para mostrar que está ali. Mesmo reforçando que a filha não foi desejada, a mãe compreendeu seu papel nas angústias e ansiedades da filha, tentando aos poucos não negar isso na consciência, mas sim aceitar e buscar mudança e essa aceitação de sua história e busca de mudança fez com que o processo psicoterápico impulsionasse.

Todas essas questões entre a avó, a mãe e Nina, traz a luz a transgeracionalidade, sendo uma possibilidade dentro das heranças psíquicas em que não foram assumidas, simbolizadas e processadas pela família, e assim transmitidas para outras gerações, dando continuidade e manutenção as lacunas (Rehbein; Chatelard, 2013). Assim, há predomínio por intermédio dos sujeitos, atravessando o psiquismo, invadindo-o violentamente, em uma passagem direta de formações psíquicas de um sujeito para o outro, sem se preocupar com espaços da subjetividade (Trachtenberg, 2007). Nesta transmissão podem ocorrer várias situações que podem destruir a capacidade e a função parental, como: lutos não-elaborados, segredos, histórias lacunares, histórias violentas, vazios e migrações que constituíram em traumas não transformados e elaborados.

Pode-se verificar o progresso do vínculo de mãe e filha, ao trazer sua preocupação com a mãe, Nina comenta como está a convivência com ela, dizendo que as brigas cessaram e que a convivência está melhor. A mãe, com as reflexões nas orientações realizadas em sessão, se responsabilizou pelas suas ações, demonstrando interesse e desejo na mudança de sua vida e da sua filha, buscando criar uma nova história para sua família, impulsionando o progresso no desenvolvimento da filha, que demonstra mais estabilidade e amparo.

Seguindo para o fim do processo, ao ser abordado com a paciente, sobre o término da psicoterapia, demonstrou desejo em continuar as sessões, lugar que considera previsível, estável e livre para trazer suas associações. Apresentou um sentimento de luto por esta perda, lidando de forma saudável, encontrando formas para seu ego lidar com as frustrações.

O Jogo do Mico

Havia disponível para a paciente uma caixa lúdica cheia de jogos e materiais lúdicos, nas vezes em que escolhia o jogo do uno, se demonstrava ansiosa, desatenta e impulsiva. Ao perder o jogo, não sabia lidar com a frustração. Assim, nas partidas seguintes a perda necessitava coletar uma carta escondida para tentar ganhar o jogo. É possível, verificar que sua necessidade não foi satisfeita, em ter controle sobre o meio externo para aliviar as tensões da desordem psíquica (Aberastury, 1979). Quando ganhava o jogo demonstrava o sentimento de culpa, e para reparar a ação de ter coletado uma carta indevida, comentava: “Olha eu peguei uma carta escondida, como você não viu, na próxima você pode pegar uma carta também”. Para ela o medo da perda do vínculo terapêutico foi sentido, diante disso relatou sua ação mostrando a tentativa imaginária de reparar o estrago feito e na capacidade de reconhecer o erro.

A partir do primeiro mês do processo, Nina descobriu o jogo do mico e desde então em várias sessões seguintes passou a escolher o mesmo jogo. Durante o jogo do mico em que havia pares que deveriam ser encontrados, existia somente uma carta que não tinha um par, o mico. Nina demonstrava facilidade em memorizar e em organizar as cartas, estando muito atenta e concentrada ao jogo, com demasiada impulsividade, jogando em algumas ocasiões duas vezes seguidas. No jogo, a cada conquista dos pares a vitória era comemorada e quando coletava seus pares imediatamente organizava as cartas em fileiras uma do lado da outra. Durante tal ato demonstrava se sentir aliviada. Quando questionada pela estagiária sobre o que sente quando organiza, responde: “Sei lá, sinto um alívio, a casa da minha avó é uma bagunça”. Essa frase demonstra que pelo ambiente bagunçado e a mente fragmentada, o comportamento de descarga da pulsão em organizar as coisas externas, serve para receber um alívio, uma organização mental que não teve condições de se desenvolver, tal comportamento se mostrava em vários aspectos, onde sempre organizava metodicamente sua caixa lúdica (Greenberg; Mitchell, 1994).

Quando a paciente embaralhava as cartas do jogo do mico, esparramava todas pela mesa e, passados alguns segundos, comentava: “Melhor deixar arrumado”, colocando cada carta uma do lado da outra, de forma organizada, demonstrando novamente satisfação com o ato de conseguir organizar e arrumar algo. A necessidade de organizar seu mundo externo demonstrado nas sessões, supõe uma necessidade de organização interna, em sua casa psíquica.

Durante o jogo do mico, a falta de tolerância em lidar com uma situação conflitante, onde quando coletava a carta mico, imediatamente se irritava, assim como quando não

conseguia achar os pares. Sua tentativa era a de tirar o que causa angústia, dizendo: “Posso tirar a carta mico do jogo?”. Olhando para a integração, era feito com que a paciente refletisse sobre o jogo, que é formado por cartas boas e ruins, e que juntas formam o jogo em sua completude. Nina, analisando a situação, optou por aos poucos ir lidando com sua ansiedade de ser atacada, optando por não tirar mais a carta mico do jogo, sendo tal carta a única do jogo em que se era coletada perdia-se a vez e a única sem par.

Suas pulsões agressivas apareciam ao tentar tirar a carta mico do jogo e ao dirigir-se à estagiária com agressividade ao ter perdido o jogo, acabando por atacar objetos que podem representar sua mãe, irmã ou seu pai. Considera-se excluída de seu meio familiar, a carta que é descartável, que diante das interpretações de suas histórias contadas e de seus desenhos, não dão o amor que ela queria, e a irmã toma esse amor que deveria ser dela, ou seja, ela se sentia o mico de sua história.

Seguindo o processo, novamente durante o jogo Nina solicitou que tirasse a carta mico, necessitando somente das gratificações e não tendo estrutura para lidar com as frustrações, não percebendo o objeto em sua unidade, desenvolvendo o amor e ódio isoladamente. Se o objeto for bom introjeta para si, se for ruim projeta para fora seu ódio. Tal premissa ressalta a necessidade de ser reconhecida e autenticada com as experiências de amor que levam a integração e organização de sua psique (Klein, 1963).

Segundo Felice (2003 *apud* Castro; Stürmer, 2009, p. 57) “A presença continente e de rêverie existentes no campo psicoterápico permite que seja criada uma condição de confiança e segurança capazes de servir de suporte para vivências ansiogênicas decorrentes de intensos conflitos endopsíquicos”. Nina com o passar das sessões, durante o jogo do mico, jogo em que como comentado por ela, uma hora se ganha e outra perde, vivendo a instabilidade do meio, repete seu ambiente de convívio, porém passou a jogar tranquilamente, rindo, brincando e expressando suas emoções, coisas importantes para seu desenvolvimento psíquico. Pode-se verificar o progresso da paciente no processo de psicoterapia.

Tais elaborações no jogo demonstraram a necessidade de integração de sua realidade, permitindo a aquisição de mecanismos de apreensão da experiência saudáveis para sua psique. Diante das interpretações pode-se supor que diminuiu o acúmulo de fantasias destrutivas da paciente, aprendendo novos mecanismos para olhar para sua realidade em sua totalidade, onde Nina demonstrava querer fugir ou tirar a carta do mico do jogo, pois para ela representava algo de sua vivência em que não sabia lidar, nas últimas sessões comentou que agora queria a carta

mico no jogo, mostrando que apresentava condições de enfrentar tais angústias e ansiedades de sua realidade.

A paciente, através dos jogos e das brincadeiras, pôde projetar suas angústias, onde o brincar se mostrou como um importante instrumento e método de tratamento, permitindo a paciente expressar seu mundo, suas necessidades, buscando separar o que é seu e o que é dos outros, apropriando do mundo e desenvolvendo competências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os aspectos analisados, o relacionamento de Nina com a mãe não estava estabelecido, demonstrando a necessidade de vinculação, de ser amada, compreendida e aceita pela responsável, onde o ambiente familiar era preconizado, imprevisível que não oferecia as condições necessárias para o desenvolvimento saudável da pré-adolescente. Com as sessões de orientação à mãe, com as reflexões realizadas, pôde-se analisar que a progenitora se responsabilizou por suas ações, demonstrando interesse e desejo na mudança de sua vida e da sua filha, buscando criar uma nova história para sua família, tal mudança de atitude e aceitação, impulsionou o progresso de desenvolvimento da filha, que demonstrou mais estabilidade e amparo.

Com as interpretações realizadas, durante as sessões lúdicas, a paciente apresentou-se com dificuldade em lidar com as frustrações e quando não tinha condições de lidar com tais frustrações, se dispersava, se irritava e buscava uma fuga imediata da situação de angústia. Com o progresso gradual, ao expor seus sentimentos e a melhora do vínculo com a mãe, pôde-se supor que a paciente apresentou melhores condições de lidar com as frustrações e de realizar reflexões sobre seus conflitos cotidianos.

No decorrer do processo, a paciente apresentou comportamentos de organização metódica do ambiente durante as sessões, podendo-se supor a necessidade de organizar-se internamente, utilizado para alívio de tensões. Com a organização psíquica mais estabelecida com o progresso da psicoterapia, Nina nas sessões finais não buscou a organização externa.

A paciente trouxe suas associações, ansiedades e angústias, estabelecendo-se de sua maneira e a seu modo, aos poucos, passou a buscar de forma saudável, olhar para si com um olhar de esperança, de que seria capaz de lidar com seus conflitos internos e estruturar seu ego. Seu progresso, referente às queixas, se mostraram na diminuição da ansiedade diante de relatos

de situações frustrantes para ela, e pela aquisição de uma maior percepção de sua realidade e organização psíquica.

Foram analisados o âmbito familiar, o papel da transgeracionalidade e a compulsão à repetição, onde a mãe não recebeu o amor afetivo e vínculo com a mãe que desejava e, assim, criou uma possibilidade dentro das heranças psíquicas em que não foram assumidas, simbolizadas e processadas pela família, sendo transmitidas para outras gerações, perpetuando lacunas afetivas. A partir do não metabolizado e não aceito, estabeleceu-se uma compulsão à repetição com a filha, onde não forneceu também os cuidados que não teve na infância, e Nina passou a ser a mãe que ansiava pela aceitação da progenitora, conseqüentemente, a história repetiu-se com atores diferentes interpretando o mesmo papel.

Buscou-se trazer a importância das primeiras relações de objeto, as quais, especialmente a mãe, molda a construção do ego e as futuras relações com o mundo externo, ou seja, modela o interno e externo da criança, compreendendo que as primeiras experiências de amor, frustração e cuidado são internalizadas e formam a base das futuras relações objetais. No caso de Nina, a carência afetiva e a dificuldade de vinculação associadas a um ambiente familiar conflituoso evidenciaram as falhas nessas primeiras experiências, refletindo-se em insegurança, instabilidade emocional e dificuldades de simbolização. Com o avanço da psicoterapia e a ampliação da consciência materna sobre seu papel afetivo, foi possível restabelecer gradualmente o vínculo e oferecer à paciente um ambiente mais continente, favorecendo a integração de aspectos internos antes fragmentados e a ampliação da capacidade de lidar com as frustrações.

O presente estudo buscou contribuir para a Psicologia ao evidenciar como a compreensão das relações objetais e da transmissão psíquica familiar pode promover mudanças significativas no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes. A análise clínica possibilitou identificar falhas de vinculação e padrões transgeracionais que influenciavam o sofrimento psíquico da paciente. A intervenção psicoterapêutica, aliada à orientação materna, demonstrou o impacto da reconstrução do vínculo na organização do ego e na capacidade de simbolização. Assim, o estudo reforçou a importância da clínica infantil como instrumento de transformação subjetiva e de promoção de um desenvolvimento emocional saudável.

Sugere-se que estudos futuros ampliem a amostra de participantes, a fim de compreender possíveis padrões recorrentes de transgeracionalidade em diferentes contextos familiares. Além disso, destaca-se a importância de estudos que evidenciem a relevância da

psicoterapia em crianças com vínculos familiares fragilizados e inseridas em ambientes familiares imprevisíveis, considerando seu impacto na reorganização emocional e no fortalecimento dos vínculos afetivos.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. *Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica*. 8. ed. São Paulo: Artmed Editora S.A., 2008.

CASTRO, E. K.; LEVANDOWSKI, D. C. Desenvolvimento Emocional Normal da Criança e do Adolescente. In: CASTRO, K. G. M.; STÜRMER, A. (orgs.). *Crianças e Adolescentes em Psicoterapia*. Porto Alegre: Artmed Editora S.A, 2009, p. 55-77.

COUTO, P. D. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. *Psicologia em Pesquisa*, Minas Gerais, v. 11, n. 1, p. 1247-1982, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.phpscriptscierialpid>. Acesso em: 13 set. 2024.

FREITAS, C. M. Psicoterapia de crianças: o brincar como método de tratamento psicanalítico. *Multiciência Online*, São Vicente, v. 2, n. 3, p. 133-144, 2016. Disponível em: <http://www.urisanulticienciaonline/admupload/v2/n3/4158e04e9962931ffb580>. Acesso em: 13 maio de 2025.

GREENBERG, R. J.; MITCHELL, A. S. *Relações Objetais na Teoria Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

IUNGANO, M. E; TOSTA, M. R. A realização da Função Materna em Casos de Adoecimento da Criança. Bol. *Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 100-119, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2. Acesso em: 15 abr. 2025.

KLEIN, M. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos* 1946-1963. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975. 399 p. (Obras Completas de Melanie Klein, v. 3).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, A. D. E. M. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1999.

REHBEIN, P. M.; CHATELARD, S. D. Transgeracionalidade Psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal: Revista De Psicologia*, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 563-583, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000300010>. Acesso em: 7 maio 2025.

TRACHTENBERG, C. R. A. A Força da Transmissão Entre Gerações e o Transgeracional. *Rev. da Sociedade Brasileira de Psicanálise*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 341-354, 2007. Disponível em: <https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2007-sbppa-psicanalisev9>. Acesso em: 13 maio 2025.